

VII ENECULT | encontro de estudos *encuentro de estudios* multidisciplinares *multidisciplinarios* em cultura *en cultura*

3 a 5 de agosto de 2011 Salvador Bahia Brasil

DE UM LADO DA FRONTEIRA: FOZ DO IGUAÇU

Francione Oliveira Carvalho¹

Resumo: Este artigo procura discutir a tese de que a integração cultural na fronteira esteve sempre em pauta na agenda política e oscilou no decorrer da história a partir dos interesses políticos e estratégicos para a região, tendo o Estado Brasileiro como principal condutor desse processo. Analisa os fatos históricos mais marcantes da história de Foz do Iguaçu, desde os seus primeiros narradores à situação contemporânea. Localiza a cidade na Tríplice Fronteira e narra as relações estabelecidas com os países vizinhos ao longo do tempo, revelando modificações no discurso da autonomia e da integração cultural entre os países limítrofes. Discute também a imigração árabe na fronteira, e os impactos da construção da Ponte da Amizade, da Ponte da Fraternidade e da Hidrelétrica de Itaipu no cotidiano da região.

Palavras-chave: Tríplice Fronteira, Foz do Iguaçu, integração cultural.

A fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os ditos civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro (MARTINS, 2009, p. 133).

A região onde confluem os limites internacionais do Brasil, da Argentina e do Paraguai nem sempre foi conhecida como a Tríplice Fronteira. Antes dos anos 1990, quando aparecia uma referência para denominar a região em seu conjunto, se falava de zona, região ou área das três fronteiras. Rabossi (2004) afirma que a transformação no substantivo próprio Tríplice Fronteira aparece a partir da suspeita da presença de terroristas islâmicos na região depois dos atentados na embaixada de Israel em Buenos Aires em 1992

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor do curso de Pedagogia e História Estácio/Uniradial, na cidade de São Paulo. Apoiado pelo Fundo Mackenzie de Pesquisa – MACKPESQUISA. francionecarvalho@ig.com.br

e, particularmente, depois do atentado à *Asociación de Mutuales Israelitas Argentinas* em 1994.

As cidades que formam a Tríplice Fronteira² estão geograficamente no encontro dos rios Paraná e Iguazu. Ciudad del Este é separada de Foz do Iguazu pelo Rio Paraná e conectadas pela Ponte da Amizade, enquanto que Puerto Iguazú, na Argentina e Foz do Iguazu são separadas pelo Rio Iguazu e unidas pela Ponte Tancredo Neves, originalmente chamada de Ponte da Fraternidade.

É interessante perceber que os nomes dados as pontes internacionais, “Ponte da Amizade” e “Ponte da Fraternidade” revelam de imediato o discurso da integração e da cooperação entre os países envolvidos. É importante registrarmos também que essa não é a única região de tríplice fronteira no país, já que o Brasil possui nove regiões com esse perfil³. Para Amaral (2010) “um dos fatores que diferencia a Tríplice Fronteira das outras fronteiras tríplices é a presença de três cidades de alguma relevância econômica ou demográfica e a conseqüente intensidade dos fluxos humanos” (p. 26).

Uma cidade com três “bairros”, em países diferentes: Foz do Iguazu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai) e Argentina (Puerto Iguazú). Foz do Iguazu [...] é o “bairro residencial”, mais rico, com forte presença árabe. Ciudad del Este [...] é o “bairro” comercial, no qual competem árabes, chineses, japoneses, brasileiros, paraguaios e argentinos. Já Puerto Iguazú, é o “bairro” mais pobre dos três. Tem [...] poucos estabelecimentos comerciais, vendendo alimentos e produtos típicos em couro (AMARAL, 2010 apud SAIBA⁴, 2003).

Os registros históricos sobre a região de Foz do Iguazu, a grande maioria de cronistas de viagem dos finais do séc. XIX e início do XX apontam que foi o conquistador espanhol Álvaro Nunes Cabeza de Vaca⁵, em 1542, o primeiro explorador a registrar fatos

² Adotaremos o termo Tríplice Fronteira, com letras maiúsculas todas as vezes que nos referimos a região estudada, já tríplice fronteira com letras minúsculas quando nos referirmos a qualquer outra interseção de três fronteiras diferentes.

³ As nove tríplices fronteiras são: Brasil-Guiana Francesa-Suriname no AP; Brasil-Suriname-Guiana no PA; Brasil-Guiana-Venezuela em RR; Brasil-Venezuela-Colômbia no AM; Brasil-Colômbia-Perú também no AM; Brasil-Peru-Bolívia no AC; Brasil-Bolívia Paraguai no MS; Brasil-Paraguai-Argentina PR; Brasil-Argentina-Uruguaí no RS.

⁴ SAIBA mais sobre a Tríplice Fronteira. Folha Online, São Paulo, 7 de jan. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u50015.shtml>. Acessado por AMARAL em 19 fev. 2008 e pelo autor desse trabalho em 18 ago. 2010.

⁵ Em 2009 o jornalista Paulo Markun lançou o livro “Cabeza de Vaca” onde narra as aventuras e a trajetória americana do conquistador espanhol do século XVI. Na obra o autor reforça o heroísmo e a astúcia de Cabeza de Vaca já apontada pelos cronistas da história de Foz do Iguazu em suas narrativas. Ver: MARKUN, Paulo. *Cabeza de Vaca*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

sobre a região. Cabeza de Vaca comandou uma expedição de espanhóis, que atravessou a região, habitada pelos índios Caigangues e Tupi-Guaranis, rumo à colônia de Assunção, ponto estratégico para os espanhóis alcançarem o Império Inca. Ao navegar no atual Rio Iguazu em direção a Assunção, Cabeza de Vaca “ouviu o som das Cataratas e assombrado pela magnitude da paisagem registra a descoberta em seu diário de viajante” (MURICY, p. 2, 1986).

Segundo os relatos, as quedas do rio Iguazu que formam as cataratas quase arrastaram a expedição de Cabeza de Vaca. Este ao ver o abismo de água batizou-as de *Saltos de Santa Maria*, porém, elas se tornaram conhecidas a partir do final do século XIX pelo nome de Cataratas do Iguazu em homenagem aos índios guaranis que habitavam a região. Para esses indígenas *Yguazú*, significava "água grande".

Nesta época, Foz do Iguazu, de acordo com o Tratado de Tordesilhas⁶ pertencia à coroa espanhola e por força de tratados imperiais subseqüentes⁷ passou ao domínio português. É somente em 1765, que o Conde de Oyeras Pombal, solicitou ao Capitão Geral de São Paulo a fundação de um estabelecimento militar na fronteira para assegurar sua posse ao Brasil.

Durante muito tempo, os índios foram os únicos habitantes e exploradores da região. Inclusive, é de origem indígena a lenda que até hoje é contada em Foz do Iguazu sobre a origem das Cataratas. Conta-se⁸ que os índios Caigangues, habitantes das margens do Rio Iguazu, acreditavam que o mundo era governado por M'Boy, um deus que tinha a forma de serpente e era filho de Tupã. Igobi, o cacique dessa tribo, tinha uma filha chamada Naipi, tão bonita que as águas do rio paravam quando a jovem nelas se mirava. Devido à sua beleza, Naipi era consagrada ao deus M'Boy, passando a viver somente para o seu

⁶ Com o acordo de 1494 entre Espanha e Portugal, conhecido como o Tratado de Tordesilhas, ficou estabelecida uma linha imaginária a 370 léguas das ilhas africanas de Cabo Verde e que dividia os territórios de domínio de ambos os países, a oeste, sob domínio da Espanha, e a leste, sob domínio de Portugal. Pelo Tratado a região oeste do Paraná ficou oficialmente sob o domínio dos espanhóis.

⁷ As fronteiras que demarcavam os domínios da Espanha e de Portugal só foram realmente delimitadas com o Tratado de Madri, em 1750, o Tratado de Santo Ildefonso, chamado também de Tratado dos Limites, em 1777, e ainda com o Tratado de Pardo, em 1778. Na ocasião destes tratados, o Brasil foi beneficiado pelo preceito do Direito Romano *uti possidetis*, segundo o qual quem tem a posse tem o domínio do território, e obteve o direito de vasto território, incluindo o atual oeste do Paraná. Os governos de ambos os países aceitaram os rios Uruguai e Iguazu como os limites entre o domínio espanhol e português. (WACHOWICZ, 1972).

⁸ A versão apresentada foi descrita a partir da tradição oral desta fronteira e registra a forma como o pesquisador a ouviu e a internalizou durante a infância, época em que foi diversas vezes narrada no ambiente escolar e familiar.

culto. Havia, porém, entre os Caingangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá que, ao ver Naipi, por ela se apaixonou.

No dia da festa de consagração da bela índia, enquanto o cacique e o pajé bebiam cauim, bebida feita de milho fermentado, e os guerreiros dançavam, Tarobá aproveitou e fugiu com Naipi numa canoa rio abaixo, arrastada pela correnteza. Quando M'Boy percebeu a fuga de Naipi e Tarobá, ficou furioso. Penetrou nas entranhas da terra e, retorcendo o seu corpo, produziu uma enorme fenda, onde se formou a gigantesca catarata. Envolvidos pelas águas, a canoa e os fugitivos caíram de grande altura, desaparecendo para sempre.

Diz a lenda que Naipi foi transformada em uma das rochas centrais das cataratas, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas. Tarobá foi convertido em uma palmeira situada à beira de um abismo, inclinada sobre a garganta do rio. Debaixo dessa palmeira acha-se a entrada de uma gruta sob a Garganta do Diabo onde o monstro vingativo vigia eternamente as duas vítimas.

A imagem romântica do descobrimento da foz do Rio Iguaçu e das Cataratas por Cabeza de Vaca, aliada a lenda indígena sobre as Cataratas do Iguaçu pode ser vista como afirma Vieira (2009), uma afirmação da identidade brasileira a partir da exaltação da natureza.

No Brasil, natureza e nação estão indissolavelmente ligadas. A identidade nacional está mais ancorada na natureza do que na história. Há um sentimento generalizado que se orgulha mais da natureza, das belezas naturais do meio ambiente, do que da história. Isso é uma atitude cultural que se tornou visível no romantismo literário que predominou no século XIX e deixou marcas que se estendem até hoje. (VIEIRA, 2009, p.70).

A valorização da paisagem natural e dos recursos hídricos de Foz do Iguaçu não só impulsionam o turismo e a economia local, como são elementos de identificação cultural dos moradores da cidade, principalmente em relação aos vizinhos internacionais. Se a Argentina divide as Cataratas do Iguaçu com o Brasil, é o lado brasileiro o mais beneficiado por uma visão panorâmica das quedas, atraindo um número maior de turistas. Estes ainda são beneficiados com os diversos serviços de *ecoturismo*⁹ oferecidos pelo

⁹ O ecoturismo é uma forma de turismo voltada para a apreciação de ecossistemas em estado natural objetivando minimizar o impacto ambiental e criar uma rede de desenvolvimento sustentável. Em Foz do

Parque Nacional do Iguaçu¹⁰, serviços não explorados no lado argentino. Se o Paraguai divide com o Brasil os lucros gerados pela Hidrelétrica Binacional de Itaipu, são os brasileiros os autores e executores da obra, legitimando um discurso muito presente nessa fronteira, o do pioneirismo e da inteligência estratégica do povo brasileiro.

Esta maneira de ver a paisagem local ou as “qualidades” do brasileiro reforçam o *imaginário* sobre Foz do Iguaçu. Compreendemos o *imaginário* tal como aponta Le Goff (1980, 1988) e Duby (1971), um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuantes na construção de representações diversas. Essa compreensão do imaginário pode ser percebida em Foz do Iguaçu através do comércio e as mídias locais, que exploram a ligação que os iguaçuenses possuem com o entorno natural e as narrativas que engrandecem esse cenário. Muitos hotéis e serviços adotam nomes que se relacionam diretamente com as “grandezas” da região, inclusive *Naipi*, *Tarobá* e *Cataratas* são respectivamente os nomes das afiliadas do SBT, Bandeirantes e Rede Globo na cidade, os mais importantes veículos de comunicação da região oeste do Paraná.

A adoção de nomes que se relacionam a história “fantástica” da origem da cidade e das cataratas, além da exaltação do cenário natural da região procura tanto reforçar a identificação das empresas com a cultura local, como reforçar a ideia de que a cidade nasceu de uma cultura original específica, neste caso a indígena, que foi absorvida e recriada pela tradição cultural.

A necessidade de fazer com que a população de Foz do Iguaçu tivesse uma relação de identificação com a cultura e a geografia local não é algo novo, e sim elemento marcante ao longo da história de toda a região.

Foz do Iguaçu possuía até a década de 1950, uma das maiores extensões territoriais do sul do Brasil. No início de sua colonização a cidade compreendia 29.833 Km², abarcando boa parte do oeste paranaense (CATTÁ, p.43, 2009). Segundo os dados da Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento do município, podemos constatar

Iguaçu ele é explorado por serviços terceirizados no Parque Nacional do Iguaçu, que oferecem desde trilhas na mata e no refugio ambiental, como passeios de barco próximos as quedas das Cataratas.

¹⁰ O Parque Nacional do Iguaçu, onde se localizam as Cataratas do Iguaçu é desde 1986 considerado pela UNESCO “Patrimônio Mundial da Humanidade”.

que logo após a chegada das *obrages*¹¹, que tinham o privilegio de organizar e vender as terras da região, o território pertencente a Foz do Iguazu foi se contraindo, chegando nos anos sessenta a uma área total de 878 Km², diminuindo para 630 Km² nos anos oitenta, até chegar aos 550 Km² em 1991..

No ano de 1956 foram iniciadas as obras da Ponte Internacional da Amizade, ligando o Brasil ao Paraguai. Com a construção da ponte e da vinda de empresas especializadas há uma injeção de dinheiro na economia local, o que mais tarde desembocaria no comércio fronteiriço entre as cidades de Foz do Iguazu e Puerto Stroessner, hoje Ciudad Del Este. O término de construção dessa ponte foi em 1965, inaugurada com a presença dos presidentes Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, do Brasil e General Alfredo Stroessner, do Paraguai.

Também é na década de 1950 que se intensifica o desenvolvimento da colônia árabe em Foz do Iguazu¹². “Chegaram com suas malas, expondo mercadorias nas varandas das casas da cidade. Essas malas seriam o prenúncio de grandes lojas que viriam mais tarde e que durante décadas comandaram o comércio local” (Lima, 2001, p. 64). Não era somente na cidade iguaçuense que os estabelecimentos de libaneses eram vinculados ao setor têxtil, já que Gattaz (2005) afirma que há uma tendência da escolha desse setor em outras comunidades libanesas espalhadas pelo Brasil. Entretanto, o motivo de tantos imigrantes libaneses escolherem Foz do Iguazu como destino foi a possibilidade que viam nas relações comerciais entre a cidade e seus vizinhos internacionais, principalmente o Paraguai.

Os primeiros libaneses chegaram no lado brasileiro e somente anos mais tarde estabeleceram seus comércios com o Paraguai. Não existem dados oficiais ou uma certeza a respeito da data de chegada dos primeiros imigrantes dessa origem na cidade. Porém, especula-se e a literatura reconhece a vinda dos primeiros mascates por volta da década de 1940 e 1950 vendendo produtos aos militares que habitavam a região. A quantidade maior veio, de fato, após acordos firmados entre os governos para a construção da Ponte da Amizade. Estavam interessados em vender produtos brasileiros no Paraguai, no início dos anos 1960. Muitos mascates que rondavam o interior de São Paulo e do Paraná estenderam suas viagens para as proximidades da fronteira e vendo o potencial de crescimento da

¹¹ As *obrages*, palavra castelhana que significa o local onde se trabalha manualmente, surgiram no oeste do Paraná, e eram empresas argentinas que aqui se estabeleceram com o benefício do governo brasileiro, no fim do século XIX e início do século XX. Eram gigantescas concessões por parte do governo paranaense para a exploração da erva mate e da madeira.

¹² Lembramos que a imigração árabe no Brasil e especificamente na Tríplice Fronteira será detalhada no quinto capítulo.

cidade começaram a estabelecer lojas fixas na região (ARRUDA, 2007, p. 25).

A colônia árabe de Foz do Iguaçu é a segunda maior do Brasil, e por intermédio do Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu é mantenedora da Escola Árabe e do Clube União Árabe. Ambas as instituições mantêm as tradições da cultura e dos costumes dos povos árabes. É uma colônia com participação ativa na sociedade através de programas educacionais e culturais que visam estreitar os laços entre a comunidade árabe e a iguaçuense.

A ideia da integração entre a cultura árabe e a brasileira em Foz do Iguaçu é intensificada após o ano 2000. Isso ocorre devido a comunidade árabe da região ser alvo de ataques pela mídia internacional, principalmente a americana, por supostas ligações com as ações terroristas desencadeadas pós 11 de setembro de 2001. Entretanto, na década de 1960, auge da imigração libanesa, o panorama era outro, a cidade nem luz elétrica regular possuía, já que ela era interrompida às oito horas da noite. Assim, eram limitadas as possibilidades de se fazer uso de equipamentos como rádio, televisão, e mesmo contar com iluminação para a leitura e para o funcionamento dos estabelecimentos sociais.

A precariedade no fornecimento de energia interferia diretamente na vida cotidiana da cidade, gerando pressões junto ao poder público local, que por sua vez não conseguia resolvê-lo junto ao Governo do Estado. Um problema aparentemente simples, mas que tornava-se de grande importância para fazer com que a cidade pudesse almejar, num futuro, a exploração adequada de seu potencial turístico, por exemplo. Como Foz do Iguaçu não possuía representatividade política no cenário estadual, bem como estava inserida na região oeste, pobre e longínqua, que gerava poucos rendimentos econômicos e, muito menos políticos, nada se resolveu até meados dos anos 60. (CATTI, 2009, 48)

A solidificação da presença árabe na região nos anos 1960 vai ocorrer no mesmo período em que são criadas estratégias para modernizar a cidade de Foz do Iguaçu. Ações que visavam deixar a localidade mais habitável e atrativa para que novos moradores escolhessem investir na cidade, como também, atrair turistas para visitar as atrações da região. Em ambas as estratégias é o “forasteiro”, o outro, que deveria com o seu trabalho ou dinheiro incentivar o desenvolvimento da cidade.

Além da construção da Ponte da Amizade, o Paraguai irá ser parceiro do Brasil no projeto da Hidrelétrica de Itaipu, que na origem indígena quer dizer “pedra que canta”, iniciada em 1975 num consórcio entre os dois países. No auge de sua construção, a Itaipu empregou 40.000 trabalhadores, aumentando drasticamente a população de Foz do Iguaçu. Segundo dados do IBGE, a cidade passou a ter a partir dessa data, 136.000 habitantes. Todo esse crescimento trouxe transformações no quadro urbano do município, acarretando elevada demanda nos serviços públicos e privados, não só para a construção da usina, bem como para satisfazer às necessidades dos próprios trabalhadores e de suas famílias, que atraídos pela oferta de emprego fixavam-se na cidade.

A Itaipu Binacional teve um papel preponderante na história econômica, política e social de Foz do Iguaçu. O discurso oficial da Itaipu buscava instaurar a ideia de que a obra mostraria a capacidade do homem brasileiro em transformar a natureza, interferir no meio ambiente de forma a domá-lo, segundo sua vontade. Entretanto, a hidrelétrica também deixou um legado de violência e miséria. Violência que começou com as desapropriações das terras alagadas pelo lago de Itaipu, cujos proprietários tiveram seus bens desapropriados a preço baixo, gerando revolta desses desapropriados, removidos a força de suas antigas propriedades. Muitos bairros miseráveis foram sendo criados a medida que iniciaram-se as demissões graduais nas obras da usina, devido ao término dos trabalhos. Os peões que viviam por lá a mais de 10 anos, perdiam o vínculo com seus locais de origem e por ali ficavam na esperança de continuar a manter o padrão de vida adquirido enquanto eram empregados da Hidrelétrica de Itaipu.

Em 1984, outra grande obra começa a alterar o cotidiano de Foz do Iguaçu, a construção da segunda ponte internacional, ligando o município brasileiro a cidade de Puerto Iguazu, na Argentina, denominada Ponte da Fraternidade, e que após a morte de Tancredo Neves foi batizada com o seu nome. A ponte foi finalizada no ano de 1985, e inaugurada pelos presidentes José Sarney, do Brasil e Raul Alfonsín, da Argentina.

Após a construção da Ponte da Amizade e da Fraternidade, e principalmente a partir da construção da Hidrelétrica de Itaipu, intensificou-se a presença de novas famílias paraguaias e argentinas na cidade de Foz do Iguaçu. Catta (2009) e Albuquerque (2010) registraram em suas investigações que a maioria da população da cidade nos anos 1970 era composta por pessoas que não nasceram ou cresceram nela. “Segundo os dados recolhidos,

31% dos habitantes da cidade eram paranaenses, e a outra parte do contingente populacional era de imigrantes, vindos de outras partes do Brasil e do mundo (CATTÁ, 2009, p. 153).

A Usina Hidrelétrica de Itaipu busca ao longo da sua trajetória associar a sua história a de Foz do Iguaçu e construir uma imagem de modernidade e progresso na fronteira, idéia que é reforçada pela imprensa local e poder público municipal. Ambos legitimam o discurso da Itaipu como fomentadora do desenvolvimento regional e da aliança entre os países vizinhos, papel agora reforçado pela UNILA- Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

A partir da assinatura do Tratado de Assunção em 1991, o qual previa a criação do Mercosul em 1995, os discursos políticos dos países da Tríplice Fronteira passam a enfatizar a integração não só econômica, mas cultural do três países fronteiriços, o que resultaria em 2007 na criação da UNILA, projeto encabeçado pelo Governo Federal do Brasil e pela Hidrelétrica Binacional de Itaipu.

A UNILA que tem sua sede em Foz do Iguaçu, começou a funcionar provisoriamente no Parque Tecnológico Itaipu (PTI), em agosto deste ano, já que a sua reitoria, também no terreno da Itaipu, ainda está em construção. Inicialmente são oferecidos os cursos de Ciências Biológicas, Ciências Econômicas, Ciência Política e Sociologia, Engenharia de Energias Renováveis, Engenharia Civil e Infraestruturas, Relações Internacionais e Integração. A proposta da universidade é atender aos estudantes do Brasil, da Argentina, do Paraguai e do Uruguai.

Nos meses de junho e julho de 2010, período que antecedia a inauguração da nova universidade federal, a Itaipu Binacional realizou uma maciça campanha publicitária em toda a região da Tríplice Fronteira que visava relacionar a UNILA ao papel integrador da Itaipu.



Fig. 1. Outdoor criado pela Itaipu Binacional para a divulgação da UNILA na região. Diversas placas publicitárias como essa estavam espalhadas por toda a cidade no mês de julho de 2010. Foto do pesquisador.

Nos anúncios de revistas criados pela Hidrelétrica, a imagem que traz um casal etnicamente diversificado, agrega um texto que deixa claro tanto o discurso da integração cultural promovido pela empresa como o da ligação de Itaipu com o desenvolvimento da região de Foz do Iguaçu:

ITAIPU APOIA A IMPLANTAÇÃO DA UNILA. ENERGIA E CONHECIMENTO PELA INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA. Com o apoio da Itaipu, um dos mais importantes projetos do Governo Federal começa a se tornar realidade. A universidade Federal da Integração Latino-Americana, criada para integrar países, culturas e povos, já iniciou suas atividades em Foz do Iguaçu. Para a Itaipu, empresa que fala a língua da integração, é um orgulho participar da implantação da UNILA, verdadeiro marco da história da América Latina (ITAIPU/GOV. FEDERAL. Peça publicitária publicada na REVISTA VEJA, ed. 2173, circulação local, jul. 2010).



Fig. 2. Campanha publicitária da UNILA presente em diversas revistas nacionais nos meses de junho e julho de 2010. Essa campanha ficou restrita às edições destinadas a região oeste do Paraná. Fonte: Revista Veja, edição 2173 de 14 jul. 2010.

O projeto da UNILA está em fase inicial, entretanto, não é objetivo desta investigação analisar sua proposta acadêmica, mas sim, perceber como ela interfere na dinâmica da cidade de Foz do Iguaçu. Até o momento, podemos afirmar que a UNILA dá continuidade ao discurso da integração cultural e da internacionalização das fronteiras presentes na região. Foram oferecidas inicialmente 300 vagas para os diversos cursos superiores, porém, ainda não temos dados oficiais que revelem os números de estudantes oriundos de cada país beneficiado pelo projeto.

Uma modificação já sentida no cotidiano da cidade, é que a partir da UNILA pretende-se criar em Foz do Iguaçu um forte pólo universitário. Para isso, foi criada uma residência estudantil internacional, e o comércio local já começa a criar serviços específicos para atender esse público, tais como livrarias acadêmicas, restaurantes e hospedarias que privilegiam a vida universitária.

Segundo dados do IBGE de 2008, a população de Foz do Iguaçu estimada em 319.189 habitantes, tende a crescer com a transformação da cidade em pólo universitário

internacional¹³. Uma expectativa revelada na análise dos jornais locais, é a de que a UNILA influa na mudança do perfil sócio cultural dos moradores da região, ainda afastados dos serviços culturais, marcados por um certo provincianismo e pela falta de oportunidades profissionais que vão além das atividades voltadas ao turismo.

Para finalizarmos este artigo acreditamos ser importante apontar que a integração cultural é resultado de uma negociação equilibrada entre todos os envolvidos. Como afirma Padrós (1994) a idéia de integração refere-se a uma projeção que visa maximizar as potencialidades e recursos dos países envolvidos, que passam a fazer parte de uma unidade ampliada. “Não se trata simplesmente de um somatório de possibilidades, mas da criação de um novo espaço de integração e negociação, e integrar não deve significar perda de identidade nacional, e sim, contato com outras identidades nacionais” (1994, p. 66).

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras: Os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

AMARAL, Arthur Bernardes do. **A Tríplice Fronteira e a Guerra ao Terror**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

ARGENTINA, BRASIL, PARAGUAI, URUGUAI. **Tratado de Assunção**-Tratado para a constituição de um mercado comum entre a República Argentina, a República Federativa do Brasil, a República do Paraguai e a República do Uruguai. Assinado em 26 de março de 1991. Disponível em: www.antaq.gov.br/portal/pdf/Mercosultratadoassuncao.pdf>, Acesso em: 26 de jul. 2010.

ARRUDA, Aline Maria Thomé. **A presença libanesa em Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad Del Est (Paraguai)**. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade de Brasília: Instituto de Ciências Sociais, Centro de Estudos Comparados sobre as Américas, 2007.

¹³ Foz do Iguaçu possui desde 1994 uma Universidade Estadual, a UNIOESTE – Universidade do Oeste do Paraná, que com sede em Cascavel, possui campus nas cidades de Marechal Cândido Rondon, Toledo, Francisco Beltrão e Foz do Iguaçu. Nessa cidade, oferece 10 cursos superiores, a grande maioria voltados à licenciatura e ao turismo. Além dessa universidade, Foz do Iguaçu foi ganhando a partir da metade dos anos 1990 diversas faculdades particulares: Faculdade Dinâmica das Cataratas, Faculdade de Educação Física de Foz do Iguaçu, Instituto Superior de Educação Anglo-Americano e Faculdades Unificadas de Foz do Iguaçu.

CATTA, Luiz Eduardo. **A face da desordem: Pobreza e estratégias de sobrevivência em uma cidade de fronteira (Foz do Iguaçu/ 1964-1992)**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade. Cascavel, Paraná: EDUNIOESTE, 2003.

DUBY, Georges. **As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Edições 70, 1971.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil – História Oral de imigrantes**. São Paulo: Editora Gandalf, 2005.

KARAM, John Tofik. **Um outro arabesco: Etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1980.

Mentalidades: uma história ambígua. In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). *História: Novos Objetos*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 68-83.

LIMA, Perci. **Foz do Iguaçu e sua história**. Foz do Iguaçu: Edição do autor, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

MURICY, José Cândido da Silva. **A Foz do Iguassú: ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuava à Colônia de Foz do Iguassu em novembro de 1892**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1896.

PADRÓS, Enrique Serra. “Fronteiras e Integração Fronteira: Elementos para uma nova Abordagem Conceitual”, **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais**. Vol. 17, nº ½, jan.-fev. Porto Alegre, 1994.

RABOSI, Fernando. **Nas ruas de Ciudad Del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2004.

VIEIRA, Liszt. **Morrer pela pátria? Notas sobre identidade nacional e globalização**. In: VIEIRA, Liszt (Org.). *Identidade e Globalização: Impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural*. Rio de Janeiro: Record, 2009.